

O PERSONAGEM SARGENTO GETÚLIO, ESPAÇO/SERTÃO: UMA RELAÇÃO DE SENTIDO SIMBÓLICA

Kátia Caroline de Matia¹; Wilson Rodrigues de Moura²

RESUMO: É propósito desta pesquisa identificar e analisar a relação de sentido constituída entre o símbolo espaço-sertão e o personagem, Sargento Getúlio, como símbolo, no romance *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, conforme as concepções: da metáfora, de espaço romanesco e de símbolo. Em *Sargento Getúlio*, podemos compreender as semelhanças entre o espaço e o personagem a partir do momento em que analisamos ambos como signos e símbolos que constituem entre si uma simbiose metafórica. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para a compreensão da constituição da personagem e do espaço no romance.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço/Sertão; Sargento Getúlio; Símbolo.

1 INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é analisar, por meio de pressupostos teóricos, a relação de sentido metafórico e, portanto, simbólico que constitui o espaço e o personagem da obra *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro. Esta é uma obra da literatura brasileira, ambientada no nordeste, em que, pela perspectiva de um narrador personagem, – Sargento Getúlio –, configura todo o esplendor de uma região do Brasil que não existe por si só, são os seus tipos que a constitui. Tipos estes reprimidos em nossa sociedade.

A partir daí consideramos o espaço/sertão como ideológico e, de acordo com Bakhtin (2004), tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. O que Bakhtin nos diz é que tudo o que é ideológico é um signo. Assim, esta análise procura um entendimento da configuração entre o personagem Sargento Getúlio e o espaço/Sertão, considerando ambos como símbolos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta análise se norteia pela metodologia hipotético-dedutiva na qual considera que a observação não é feita no vácuo, esta é precedida por um problema, uma hipótese, enfim, algo teórico. Assim, este trabalho tem por embasamento teórico as categorias do

¹ Graduanda do 3º ano de Letras da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM. Inscrita como estagiária pesquisadora no projeto: “A compreensão da práxis escolar: uma proposta de leitura e de pesquisa social”. E acadêmica inscrita na iniciação científica – NUPEN – 2009/2010.

E-mail: katmat_19@hotmail.com

² (orientador) Professor Mestre do Departamento de Letras da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM.

E-mail: wilsonromoura@hotmail.com

espaço e da personagem no romance, e os estudos relacionados ao símbolo/signo e à metáfora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão do signo consiste na aproximação do signo já apreendido de outros signos já conhecidos.

Consideremos o signo apreendido como o Sertão que tem designado o incerto, o desconhecido, o longínquo, o interior, numa perspectiva de oposição do ponto de vista do observador, que se vê sempre no certo, no conhecido, no próximo, isto é, num *lugar* privilegiado: no litoral. É uma palavra que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador. Ela provém de um tipo de linguagem em que o *símbolo* é (re)produzindo de cima para baixo, verticalmente, sem levar em conta a linguagem do outro, daquele que estava sendo colonizado. Refletia na América o ponto de vista do europeu: o seu *dito* (ou seu ditado), enquanto nas florestas, nos descampados, nas regiões tidas por inóspitas, de vegetação difícil, ia criando-se a subversão de um *não-dito* nativista e sertanista que se tornou um dos mais importantes *signos* da cultura brasileira. A obscuridade etimológica que envolve o termo sertão constitui um dos elementos motivadores das várias significações que ele foi adquirindo, à medida que o espaço brasileiro se foi ampliando para Oeste.

A horizontalidade da conquista territorial atuou no esvaziamento do símbolo colonialista, transformando-o em *signo* linguístico da nova realidade nacional e ampliando o imaginário da literatura brasileira. O sertão se dá em oposição ao signo litoral, já conhecido. Na obra percebemos isso pela trajetória realizada pelo protagonista.

Sargento Getúlio exerce a função de policial militar do Estado do Sergipe. O enredo desenrola-se no início da década de 1950, período em que ainda estava remanescente o coronelismo na região nordestina.

O Coronel Acrísio Antunes, superior de Sargento Getúlio, dá-lhe uma ordem para levar um preso político de Paulo Afonso, no interior de Sergipe, até Aracaju, no litoral. No meio da viagem, a situação política complica-se para o coronel e torna-se necessário que ele liberte o preso, seu adversário político, a todo custo, ou seja, o coronel dá uma contra-ordem. Para se livrar desta situação danosa no quadro político, manda outros policiais (jagunços) buscarem o prisioneiro das mãos de Sargento Getúlio, afirmando não ter dado a ordem para que o sargento prendesse o seu opositor. Getúlio, que percebe a traição, recusa-se a aceitar a contra-ordem e decide entregar o preso ao coronel tomando uma decisão que o faz passar da condição de militar temido, para a condição de fora da lei. Após longa fuga com o preso, Getúlio, encontra-se cercado por policiais no litoral, recebe um tiro e morre. É o ponto de revelação simbólica de Sargento Getúlio entre o Sertão e Litoral.

É a sua semelhança com o Sertão que Getúlio mostra sua bravura e sobrevive enquanto está nele. Quando esse herói chega ao litoral cumprindo uma ordem que só existe para ele gera-se a desordem e as semelhanças que o uniam ao seu espaço, que o davam força e discernimento dos fracos, deixam de existir. Tudo o que existe são diferenças. É pelas diferenças suprimidas no litoral que entendemos a semelhança entre Getúlio e o seu espaço.

Por meio da diferenciação, explicitada pela sua empreitada com o prisioneiro, entre Sertão e Litoral podemos conhecer o próprio Sertão da obra.

Sargento Getúlio, na transposição de seus limites espaciais, proporcionou a constituição dos sentidos simbólicos do espaço. Getúlio não compreende as “regras” do litoral racional, e, portanto cumpre a sua ordem constituída ainda no ambiente sertanejo.

Se fosse só o sertão, entendia mais. (RIBEIRO, 1982, p. 32)

O sentido simbólico de Sargento Getúlio é o que permite sua existência no Espaço/Sertão e ao mesmo tempo sua morte no Litoral. O protagonista é histórico e ideologicamente o Sertão. Como diz Paz (1982) há um ponto em que isto e aquilo (...) se fundem. E esse ponto está em cada momento. O isto espaço se fundiu com o aquilo personagem desde a existência de cada um, o primeiro originou o segundo e vice-versa.

Esta compreensão possibilita um entendimento do homem circunscrito num espaço simbólico na história e na literatura brasileira. Pois, segundo Bakhtin, o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Não é um acaso e muito menos o destino que fez Sargento Getúlio sucumbir no Litoral e se tornar o homem violento que foi no seu próprio espaço.

4 CONCLUSÃO

É imbricada a relação entre Sargento Getúlio e o ambiente a que o mesmo pertence, é uma simbiose. Sargento Getúlio é Sargento Getúlio porque é do Sertão e o Sertão é o Sertão porque existem tipos como Sargento Getúlio, jagunço, nordestino, violento. Um tipo que, assim como o Sertão, constitui um mito. Ambos são ideológicos, portanto são símbolos e um não existe sem o outro.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Walter de. **Metáforas Machadianas: estruturas e funções**. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico; 1977.

BAKHTIN, Mikhail. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Editora Ática, 1976.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO, Mário Sérgio. **Símbolo, Mito e Filosofia da História: no pensamento de Antônio Quadros**. Londrina: UEL, 1997.

TELES, Gilberto Mendonça. **Escrituração da Escrita**. São Paulo: Editora Vozes. 1996.